

Quando eu entrei na psicologia, imaginava um curso onde os professores assumiriam uma posição de psicólogo e deste o início eu queria logo nas primeiras aulas explicações práticas de como era o trabalho do psicólogo, eu queria tudo ao mesmo tempo e logo. Aos poucos eu fui percebendo que assim como em tudo, a psicologia também tem um roteiro que acompanha o amadurecimento do estudante no curso, assim como o próprio currículo.

Atualmente, muito envolvido com a minha monografia sobre pessoas em situação de rua, eu entendo a minha Psicologia Behaviorista não só como uma maneira de ver a Psicologia Behaviorista mas sim como PSICOLOGIA.

Tenho um trabalho que não tem hora, posso estar na aula e o meu telefone tocar, sempre urgente, e eu ter que quebrar a concentração da aula para atender a demanda do trabalho. Me frustra programar um horário extra de estudo e ser interrompido pelo trabalho, como quase sempre acontece nos finais de semana, sim, eu também trabalho sábado e domingo, mas não é escolha minha, é responsabilidade do meu cargo, mas entendo ele como um “mal” necessário para poder pagar o curso e a realização deste sonho.

Venho aumentando as horas de estudo em casa, lendo e juntando artigos na minha área behavioristas mas sem abandonar a Psicologia Social que a cada dia se torna mais presente na minha vida acadêmica e fora dela também, leio quase tudo que é indicado pelos professores e leio muito estudos e pesquisas que eu encontro pela internet.

Tenho me empenhado muito nos estudos para seminários porque eu acho importantíssimo, seminário é a atividade que mais se aproxima de um sistema de avaliação coerente. Respeito os meus limites de ser humano quando não consigo responder algo que me é cobrado em avaliações porque sou muito cobrado pelo meu chefe, pelo sistema de avaliação da faculdade e também por mim, mais ainda por mim, mesmo respeitando a exaustão.

Tenho o cuidado de não deixar o conhecimento que eu venho acumulando durante os semestres subir a cabeça e me sentir um Deus, como infelizmente acontece com alguns colegas da minha própria área. Eu venho me empenhando, cada dia mais, ainda não estou satisfeito com a quantidade de horas de estudo que tenho mas fico feliz quando, como agora, viro a madrugada estudando e produzindo para poder entregar atividades no prazo, embora que as vezes estendido.

Psicodrama

A atividade realizada na sala de danças do Colégio Luciano feijão, acompanhado pela Professora Solange Melo, representou um momento de descontração acompanhado de muito conhecimento. Descontração porque o Psicodrama possibilita que o indivíduo possa se expressar e muitas vezes rir de situação que são cotidianas. Ter um dia estressante e participar de uma atividade em grupo, guiado pelo psicodrama é muito bom.

Poder se expressar a partir do drama, sendo isso dentro de um ambiente onde há a análise do comportamento individual que é feito respeitando os seus aspectos individuais e relacioná-los com os aspectos individuais do grupo foi realmente uma experiência fantástica. Uma mistura de egos entrelaçados, mostrando aspectos nossos, individuais, eu me sinto bem só de falar sobre essa experiência.

Mos momentos finais da atividade veio o compartilhamento, a partir da criação de uma história desenvolvida por nós mesmos onde cada um pode se projetar nela e dar retorno dessa projeção no grupo que nós fazemos parte há mais de 4 anos, um dos momentos mais importantes, momento em que nós compartilhamos sentimentos e nossas vivências, a medida em que a cena, a história acontecia.

Eu tenho uma dificuldade muito grande de falar sobre mim, me senti livre para poder contar a história, a minha visão de vida, sem perceber, na história de outra pessoa. O melhor de tudo é se dar conta de que a gente estava se projetando na atividade quase que no final e pude refletir sobre a minha vida. Foi fantástico, me senti bem o resto da semana inteira. Foi muito bom poder se colocar em interação com o outro, este que eu conheço há quatro anos, e vou conhecendo a cada dia mais e cada dia mais aprendendo a respeitar, meus colegas da faculdade.

Intervenção institucional

A atividade de intervenção institucional foi algo estranho, foi como se você entrasse em contato com as mesmas ferramentas, sons, feijão, café, perfume e etc, utilizados durante a intervenção, e no decorrer perceber que, definitivamente, o que eu entendo e a relação que eu faço sobre o café é totalmente diferente da que os meus colegas fizeram.

Durante a intervenção eu tive a sorte de ser acompanhado pela Cris, que é uma pessoa que faz parte do meu círculo de amigos, ela me conhece um pouco mais.

A primeira parte da atividade é ser vendado, eu que tenho, tento, ter controle de tudo, me vi sendo vendado pela Cris e me entregando a ela. Quem tinha o controle sobre o meu corpo e sensações era a Cris, eu simplesmente amei. Do fundo do coração, me permitir ser guiado, “cego”, representou para mim a confiança que o cliente passa para o Psicólogo na medida em que o vínculo é

construído. Poder participar disso tudo e identificar as minhas limitações, confiar nas pessoas, por exemplo.

Atividades como essas são a possibilidade de se avaliar como Psicólogo em formação e propiciar a si mesmo um diagnóstico preciso sobre a sua própria vida.

Eu nunca pensei que iria gostar tanto de fazer esta disciplina.

Intervenção Comunitária

A intervenção comunitária foi importante porque a proposta da Intervenção comunitária tem como característica se voltar para as problemáticas do grupo, no caso, o nosso grupo de universitários. A ideia de intervenção comunitária foi tão concisa no nosso grupo que permitiu que alguns dos participantes do grupo pudessem compartilhar como se sentem com o algumas praticas dos grupos, momento muito importante para a nossa comunidade acadêmica tendo em vista que a cada dia que se passa cresce a necessidades de momentos dentro da grade curricular que possibilitem essa manifestação, o reconhecimento do meu papel dentro do grupo mas a relação que eu tenho com o papel do outro e como este me afeta.

Outra parte importante da atividade de intervenção comunitária foi poder compartilhar com a colega que tinha uma reclamação a fazer e poder passar pra ela que eu também me sentia assim, e muitos da antiga sala b também sentia, algo que pode ser confirmado com qualquer um dos mesmos.

Ínsito, a disciplina de intervenções grupais foi a melhor coisa que nos aconteceu.

Intervenções Grupais em Psicologia Organizacional

A atividade de psicologia Organizacional apresentada pela minha equipe também teve seu grau de importância para mim e imagino que para muitos também porque nós tivemos a oportunidade de aprender a conduzir uma atividade de seleção de candidatos, os nossos colegas, para uma suposta vaga. Esta atividade objetiva a seleção de candidato para exercerem vagas em empresas que contratam o serviço de psicólogos para a mesma.

A participação do grupo nesta atividade foi boa porque nós oferecemos ao grupo as condições e ferramentas para o exercício da atividade da bola, desafiamos o grupo para que realizassem a atividade em um menor tempo, motivamos, e discutimos sobre a identificação do erro, quando o grupo não conseguiu mais diminuir o tempo de execução da mesma.

A importância de momentos como este se dá quando o grupo entende que, no caso da identificação de um integrante que não consegue acompanhar o ritmo do grupo todo, o erro estaria em não identificar que o comportamento de um tem total influência sobre o comportamento do outro da organização, e que as vezes o erro de um funcionário é fruto da má gestão e da falta de articulação entre o grupo.

Intervenção Clínica baseada nos conceitos Humanista

A intervenção grupal de abordagem humanista nos propiciou entrar em contato com nós mesmos a partir da visão que o outro tem de nós, propiciou também uma análise sobre a nossa própria visão e sobre a visão do outro.

No meu caso, a colega não se deu ao trabalho de tentar se aproximar de mim a partir de um diálogo, por menor que fosse, simplesmente seguiu uma linha, uma imagem que alguns da sala, que não são meus amigos, não sabem das minhas dificuldades e nem são próximos mantêm, acabou reproduzindo o mesmo que alguns outros.

Não é que eu concorde com a análise que a colega fez a minha pessoa, e sim que ela não se deu ao trabalho de me questionar, de me perguntar o motivo ou o meu verdadeiro eu, a imagem que eu tenho de mim.

Enquanto eu me via como alguém que tem uma capacidade para resiliência ela me viu como alguém “expansivo”, a sala riu e não perdeu a chance para de me chamar de narcisista.

Mas aí está a diferença, se alguém chegar para os meus amigos, as pessoas que convivem comigo, e que a estas eu permito me conhecer mais de perto, ai sim, se ainda me considerassem narcisista talvez eu tivesse um pouco de preocupação. Mas uma análise vinda de pessoas que acham que tem um grau de informação que os permita diagnosticar alguém mesmo sem o seu interesse, desconsidero.

A versão de intervenção humanista, como o próprio “bubber” fala, permite uma análise dos “três eus”, não é que eu me ofenda quando eu sou chamado de narcisista. É que a mim foi dada uma informação que eu não pedi.

Um exemplo bem particular de uma pessoa que eu gosto muito:

A Lenise, ela não aceita que nenhum professor, ou colega, faça um elogio a respeito de algo que eu fale ou que apresente em um seminário se nós estivermos na mesma equipe, ou se ela estiver muito próximo. Por exemplo, no ultimo seminário sobre moreno, eu disse: eu acho que não ficou bom esse slide que eu fiz, olhando agora eu podia melhorar bem ali, apontando para uma imagem errada. Uma colega chegou e disse: “não rafael, eu estudei a definição e tu acertou exatamente na escolha das imagens. Na mesa hora uma outra colega disse: me manda essa imagem por e-mail eu quero ela, muito linda. A professora chegou e disse: esse é o slide de vocês? Ficou muito bom, é todo assim colorido? Ficou muito bonito, você baixou na internet? Eu respondi que tinha feito, ela sorriu e disse que estava bom.

Voltando à Lenise, ela assistiu tudo isso e disse: pode parar professora, ele é narcisista demais, pare se não ele se mata.

Parece que há uma necessidade da sala de me frear, dizendo sempre que não sou tudo isso, que não sou tão bom, a preocupação deles eu realmente não sei, só constato isso.

Quando questionei a colega sobre a análise que ela fez de mim como alguém “expansivo”, se isso seria bom ou ruim ela disse que é ótimo. Então, se é ótimo qual a necessidade da crise? Alguém antes de me criticar me chamando de narcisista me pergunta como eu me sinto em relação a própria sala, a minha vida? Não.